

# **GÊNERO, RAÇA E ETNIA NA ESCOLA: IDENTIDADES (IN)VISÍVEIS?**

DAIANE SANTOS RODRIGUES <sup>1</sup>

DORIS CRISTINA VICENTE DA SILVA MATOS <sup>2</sup>

GT: GT2- Formação e Atuação Docente

## **RESUMO**

Este trabalho pretende apresentar os resultados de pesquisa no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, realizado na Universidade Federal de Sergipe, bem como refletir sobre a relevância de considerar as aulas de língua espanhola como um fórum de discussões sobre temas de identidades, de raça e gênero. Pensando em tratar essas temáticas e discutir com os estudantes sobre o papel da diversidade, mostraremos a importância de se trabalhar questões identitárias nas aulas de língua espanhola para contribuir na formação de alunos críticos, com intuito de (re)construir identidades socioculturais. A metodologia desse trabalho é de cunho qualitativo e de base interpretativista e os resultados apontaram que as aulas de espanhol contribuem para formação de cidadãos críticos.

**PALAVRAS- CHAVE:** Ensino; Identidades; Espanhol;

## **RESUMEN**

Este trabajo pretende hacer una reflexión sobre la relevancia de considerar las clases de lengua española como un fórum de discusiones sobre temas de identidad, raza, y género, con enfoque en sus derechos, igualdad social y orgullo racial. Pensando en tratar esas temáticas y concientizar los estudiantes sobre el papel de la diversidad, mostrando la importancia de trabajar cuestiones identitarias en las clases de lengua española para contribuir en la formación de los alumnos críticos, con intuito de (re)construir identidades socioculturales. La metodología de ese trabajo es de cuño cualitativo y de base interpretativista y los resultados apuntan que las clases de español contribuyen para la formación de los ciudadanos críticos.

**PALABRAS-CLAVE:** Enseñanza; Identidades; Español.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/COPES/UFS) e participante do grupo de pesquisa: DinterLin: Diálogos Interculturais e Linguísticos. E-mail: daiane\_rodrigues@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe, Líder do Grupo de Pesquisa DinterLin: Diálogos Interculturais e Linguísticos, e-mail: profadoris\_ufs@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, apresentamos a fundamentação teórica que norteia e baliza este texto, bem como os dados coletados e analisados através de uma pesquisa que ocorreu no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) vinculado à Universidade Federal de Sergipe, no projeto intitulado Interculturalidade e (re)construção de identidades socioculturais em materiais didáticos de espanhol para brasileiros (PIBIC 2015/2016). Esse projeto teve como bolsista Daiane Santos Rodrigues e foi orientado pela profa. Dra. Doris Cristina Vicente da Silva Matos. Tal investigação consistiu em trabalhar nas aulas de língua espanhola com temáticas sociais, que incluíssem discussões sobre gênero e raça, através da elaboração de materiais didáticos e aplicação no Colégio Estadual Barão de Mauá, localizado na cidade de Aracaju – SE.

Tratar sobre a diversidade na sala de aula é de grande importância, porém não é simples para os professores. Em um país caracterizado pela heterogeneidade étnica, de classes sociais, preconceitos, desvalorização de gênero, crenças e valores múltiplos, o papel do negro e as funções que as mulheres podem exercer na sociedade muitas das vezes não são considerados ou reconhecidos e são fatores que reproduzem polêmicas e preconceitos. Tomamos como base os regimentos brasileiros, como a Lei 10.639/03 que contempla os ensinamentos sobre cultura afro e afro-brasileira nas escolas e a Lei 11.645/08 que completa a lei anterior e agrega também o ensino sobre cultura indígena nas instituições educacionais.

Como sabemos, geralmente nas disciplinas de língua estrangeira não se trabalha com temáticas sociais ou de identidades, pois nas escolas, muitos professores trabalham a língua pela língua, enfatizando apenas como forma de aprender um idioma, através dos conteúdos gramaticais, traduções e repetições. No entanto, atualmente os temas sociais necessitam ser discutidos e apresentados nas escolas. Cabe ao professor/a nesse caso, em especial o de língua espanhola, saber como elaborar os materiais didáticos e trabalhar com seus alunos, tentando minimizar os preconceitos já estabelecidos por alguns e utilizar a interdisciplinaridade para se trabalhar com esses temas.

Sabemos que há uma deficiência em algumas disciplinas para abordarem em sala de aula temáticas relacionadas sobre gênero feminino negro, erotização da mulher e valorização de identidades, e, a partir disso houve a criação da resolução normativa Nº 1 de 28 de fevereiro de 2013 que recomenda a inserção de conteúdos e atividades que tratem sobre os direitos da mulher em todas as instituições sergipanas de ensino, para colocar em prática essa norma.

De alguma maneira essas temáticas tem que ser discutidas nas escolas, as quais não devem ser caracterizadas como sendo monoculturais, e não ignorar as identidades sociais, no entanto,

os docentes devem saber como abordá-las. É relevante que os estudantes considerem as aulas de língua estrangeira (LE) como fórum de discussão sobre culturas e identidades, como também, pensem e reconheçam que há uma diversidade de gênero e de raça em seu meio social, assim como a igualdade de direitos.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 CULTURAS E IDENTIDADES

Estamos vivenciando um período de grande reflexão e conseqüentemente os estudos sobre identidades e culturas tem avançado, pois vivemos em uma sociedade que está sendo sempre modificada e temos o desejo de conhecer a nós mesmos e ao outro e o contato com outras pessoas e o meio social o qual estamos inseridos nos faz perceber essa variação identitária. As nossas práticas sociais são produzidas em constante evolução e são alteradas ou criadas novas práticas de acordo com as necessidades encontradas, causando assim novos rumos, horizontes modernos e complexos comportamentos, pois, segundo Hall (2006, p.29) “[...] à medida em que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social.”. A complexidade ajudou ao indivíduo a observar mais o seu interior e o lado colaborativo da sociedade.

Toda essa alteração comportamental e diferentes modos de viver segundo, Laraia (2009), indica que “os homens se preocupavam com a diversidade de modos de comportamento existentes entre os diferentes povos.” (LARAIA, 2009 p.6). Tal preocupação pode ser explicada de acordo com diferentes exemplos de relatos sobre modos de viver que desde a antiguidade já se podia observar, haja vista os homens serem pertencentes da mesma natureza, seus costumes os identificam e os separavam. E com isso, havia uma certa preocupação pois há uma grande diversidade de comportamentos culturais entre os povos.

“[...] a existência dessas diferenças não necessita retornar ao passado, nem mesmo empreender uma difícil viagem a um grupo indígena, localizado nos confins da floresta amazônica ou em uma distante ilha do Pacífico. Basta comparar os costumes de nossos contemporâneos que vivem no chamado mundo civilizado.” (LARAIA, 2001 p.8).

Mas não é só isso, essas alterações e construções de novas identidades fazem surgir conseqüentemente, o diferente ou a construção de estranheza do modo de viver do outro. A linguagem tem papel fundamental na construção do diferente.

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade

e a diferença são criações sociais e culturais. Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação *lingüística* significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. (SILVA, 2006, p.2)

O mundo cultural e social são fundadores da identidade e da diferença a convivência com pessoas que se comportam e que tem hábitos diferentes são atos de criação da linguagem, que estabelece reconhecimento de onde ou a qual localidade pertence o indivíduo. Ao longo do tempo as identidades eram consideradas como unificadas, e passaram a ser as ‘velhas identidades’ isso porque com a evolução e mudanças que ocorrem na vida social fez surgir, conseqüentemente, novas identidades. Podemos observar nas palavras de Hall (2006):

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2006, p.07)

Com o contato e aproximação entre pessoas de diferentes culturas e atitudes o indivíduo que antes era considerado como unificado passou a se identificar com outros costumes fazendo surgir novas identidades. A evolução do homem e o conhecimento do oposto são fatores que colaboram para o conhecimento do diferente e de seus costumes/hábitos de vida, causando assim um grande foco nas questões identitárias e estudos das novas identidades modernas, a globalização contribuiu de maneira significativa para esse encontro/reconhecimento do distinto que supostamente não era conhecido. Vale ressaltar que Moita Lopes (2003) trata a globalização não apenas como um fator que une as culturas/identidades, isso porque nem todos tem acesso à tecnologia ou não sabem utilizá-la ou na maioria das vezes nem todo mundo que tem acesso a utiliza para conhecer ou trocar informações sobre sua vida ou sua própria comunidade.

A globalização é contribuinte para a evolução e construção da identidade e da cultura, haja vista que serve como um fio condutor que na maioria das vezes une outras culturas seja da mesma localidade ou de localidades distintas. No entanto, há um lugar que é um ambiente propício na construção desses sentidos, isso porque agrega uma certa quantidade de pessoas que tem hábitos, religião, culturas, identidades e comportamentos diferentes, esse lugar é a escola. Esse processo de globalização torna-se uma aliada não só para construir as identidades mas para apresentar outras experiências sociais. Hall (2006), faz uma relação da identidade com a cultura que considera uma construção histórica e não biológica por meio de uma relação que somos inseridos no sistema cultural. Laraia (2009) complementa essa ressalva feita por Hall (2006) pois, “Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais.” (LARAIA, 2009 p.9). A instituição educacional

tem esse papel de propiciar uma construção histórica da identidade, pois o contato com o outro nos leva a construção das nossas identidades.

Os documentos que regem a educação brasileira, como por exemplo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), colaboram para a integração de outras culturas na sala de aula, através da abordagem dos temas transversais viabilizando assim a iniciativa das escolas em levar conhecimentos de outras localidades diferentes das suas. Com a finalidade de que os estudantes conheçam ao outro e saibam respeitar e valorizar as diferentes culturas. A escola por ser uma instituição social proporciona aos discentes aprender em seu cotidiano e refletir sobre a pluralidade cultural e a diversidade das identidades, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e agentes do meio em que vivem.

A instituição educacional tem papel fundamental para agregar assuntos com temáticas sobre, gênero, etnia, raça, sexualidade e religião, promovendo o reconhecimento da pluralidade cultural e a reflexão tomadas sobre fatos que são pertinentes ao sistema social e que ajudará a minimizar o preconceito e a não aceitação ao próximo por ser diferente, dessa forma, “a escola nunca foi homogênea, mas hoje em dia a palavra diversidade nunca foi tão proclamada e acentuada como podemos perceber dentro e fora do âmbito acadêmico”. (MATOS, 2014, p. 171). O contato com diferentes culturas ocasiona múltiplas identidades no espaço escolar, as quais podem ser provisórias ou momentâneas, esse deslocamento está dentro de nós e ocorre de acordo com as necessidades de cada um.

## 2.2 GÊNERO E RAÇA NO ENSINO E NA LINGUÍSTICA APLICADA (LA)

Sabemos que a escola é um dos primeiros contatos que o ser humano tem com outras pessoas diferentes do seu contexto familiar. Essa influência possibilita que as instituições escolares sejam um dos maiores meios que aglomeram distintas identidades de raça e gênero, viabilizando um contato e uma construção diversificada. “O fato é que há uma diversidade de alunos no espaço escolar no que se refere às questões de raça/etnia”. (FERREIRA, 2012, p.21). A partir dessa diversidade a escola torna-se um lugar privilegiado de construção e transmissão cultural colocando o aluno na produção de sentido das distintas práticas sociais. A escola concede uma orientação e expõe contextos e práticas sociais diferentes acerca da construção da identidade. Por isso é um ambiente propício para construção identitária, posto que constitui-se no espaço de troca e produção de conhecimentos, experiências e diálogos. Sabemos que cada instituição possui suas regras e modelos de funcionamento específico. Porém, essas

consequências particulares não impedem que os estudantes apresentem suas particularidades específicas.

O universo escolar agrega uma amplitude de grupos diferentes e que fora dela possui suas características e regulamentos distintos, mas quando os estudantes estão na escola, têm a liberdade de formarem seus próprios grupos de acordo com as suas afinidades.

Mas não é só isso, essas afinidades podem ser pró ou contra causando a não aceitação do outro, pois vivemos em um mundo heterogêneo e o encontro com o diferente é algo oportuno. Segundo Silva, (2006)

A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. (SILVA, 2006, p. 8)

Para Ferreira (2012), as questões sobre identidade devem ser trazidas e discutidas em sala de aula. Há também a possibilidade da não aceitação do outro no âmbito educativo causando assim preconceitos, “O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente.” (SILVA, 2006, p. 8). A não aceitação do outro por conta das suas diferenças é um problema social e também curricular. Haja vista essa não aceitação, “Esse tema tem que ser cuidadosamente discutido, e dispor de tempo para os/as alunos/as expressarem suas opiniões sobre o que é, afinal, pois é um assunto delicado e considerado “tabu” por eles.” (FERREIRA, 2012, p.44) A escola tem um papel primordial para quebrar essas barreiras e trabalhar com a (re)-construção da identidade, uma vez que as práticas discursivas na sala de aula colaboram para a construção e desenvolvimento das identidades sociais.

A escola é importante no sentido de apresentar as diferenças, no entanto é onde pode-se gerar os primeiros conflitos entre culturas isso porque na maioria das vezes não há um respeito ao próximo devido algumas exclusões, “O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural.” (LARAIA, 2001, p.38). Toda essa visão de superioridade frente ao outro, é um fator primordial, pois causa grandes conflitos entre culturas diferentes. Haja vista que um defende a sua cultura como sendo a melhor e a correta, desprezando assim os costumes diferentes dos seus.

Podemos observar através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) como é tratado o tema ‘Pluralidade Cultural’, que destaca:

Historicamente, registra-se dificuldade para se lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O país evitou o tema por muito tempo, sendo marcado por “mitos” que veicularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem diferenças, ou, em outra hipótese, promotor de uma suposta “democracia racial. (BRASIL, 1997, p.20).

A partir do tratamento dessas temáticas nas aulas, por consequência, a escola passa a contribuir para reflexão e criação do senso crítico dos alunos. O essencial é que toda a instituição trabalhe de maneira que inclua diversas identidades. E que essa aceitação tenha início na sala de aula, a partir dos professores, nesse caso de língua espanhola, isso porque, essa disciplina pode abordar temas sociais e culturais, não apenas trabalhar com conteúdos gramaticais da língua meta. Isso é possível, pois de acordo com Moita Lopes (1996) apud Matos (2013), a partir dos estudos da Linguística Aplicada (LA), percebe-se que é possível abordar na sala de aula, temas que se referem a linguagem e que fazem parte do discurso e do contexto social dos alunos seja dentro ou fora da escola, por isso que a LA é de carácter social e interdisciplinar, complementando assim o ensino de espanhol. Os estudantes necessitam estar aptos para perceber e receber ao outro com respeito. Além de serem conscientes que todos temos os mesmos direitos de viver em sociedade e que o fator do outro indivíduo ter cor de pele diferente, não significa que ele não seja um ser humano como qualquer outro.

O uso de materiais didáticos que desenvolvam nos estudantes a capacidade de refletir e perceber o outro não com um olhar de preconceito é importante para que haja o respeito pelo considerado ‘diferente’. Vale destacar que a linguagem faz parte da identidade social pois, “É essencial, então, entender a linguagem como ação social e nossas práticas discursivo-identitárias como socioculturalmente construídas.” (AZEVEDO 2010, p. 57). É de grande relevância compreender que através da elaboração/utilização de materiais com finalidades pedagógicas podemos mudar pensamentos e preconceitos já estabelecidos pelos estudantes.

### 3. METODOLOGIA

Para este trabalho optou-se pela orientação metodológica qualitativa de base interpretativista que colabora de maneira significativa na pesquisa, através da interpretação dos fatos. Segundo Telles (2002) a maioria dos professores e educadores, utilizam essa modalidade, porque tem interesse na qualidade dos fenômenos, por isso também escolhemos esse método por abranger as características de uma sala de aula que é um ambiente natural e por possibilitar uma interpretação dos fenômenos sem uso de técnicas estatísticas, pois de acordo com Prodanov e Freitas (2013):

Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (Prodanov e Freitas, 2013, p.70)

A utilização desses métodos de análise de conteúdo foram de grande utilidade para efetivar a coleta dos dados, isso porque possibilitou um foco de pesquisa amplo, entender os comportamentos e opiniões dos participantes da pesquisa. Envolveu-se também uma pesquisa bibliográfica leituras de diversos textos que contemplam os estudos sobre questões de identidades, cultura, raça, gênero, elaboração de materiais e discussões em reuniões. Como também, elaboração da unidade didática para aplicação da oficina e dos questionários para averiguação dos dados. Neste trabalho realizamos um recorte dos dados, e, apresentaremos na seção posterior, a análise da oficina.

#### 4. ANÁLISE DA OFICINA

Descreveremos agora os passos da oficina: A oficina foi realizada nos dias 3 e 4 de Maio na turma do 1º ano do Colégio Estadual Barão de Mauá, localizado na rua José Araújo Neto, 119 – São Conrado, Aracaju – SE e teve como objetivo a abordagem e discussão de temas como: mulher e os estereótipos impostos pela sociedade, mulher negra, preconceito, racismo, sexismo, feminismo negro, erotização da mulher e os padrões de beleza impostos pelas diversas mídias. O material didático elaborado e utilizado era composto por textos, vídeos, imagens e música.

A oficina foi dividida em dois momentos no primeiro momento, dia 3 de maio, apresentamos algumas imagens que estavam nos slides, imagens estas que tiveram grande repercussão nas redes sociais que era de Marcela Temer, esposa do vice presidente Michel Temer e a reportagem referente à Marcela, publicada na revista Veja (18 abril de 2016), que teve grande repercussão, pois era intitulada com a frase: ‘Bela, recatada e do lar’ e a partir de toda essa ocorrência iniciamos uma discussão sobre a posição da mulher e as suas responsabilidades que na maioria das vezes são rotuladas pela sociedade como sendo competências apenas das mulheres. E mesmo com toda a repercussão nas redes sociais sobre essa reportagem grande parte dos alunos não tinham conhecimento, isso significa que, grande parte dos jovens que ficam conectados ou não dão tanta importância aos textos informativos

que são publicados na web. Em seguida, mostramos outras imagens de mulheres executando diferentes funções no campo de trabalho, como por exemplo: professora, policial, médica e etc... Os estudantes puderam fomentar seus discursos de forma mais crítica e perceberem que as mulheres são capazes de desenvolver cargos importantes e que são de grande relevância para o desenvolvimento social.

Sabemos que a mídia tem uma forte influência e caracteriza muitas vezes, a mulher negra como objeto sexual, divulgando e dando relevância apenas ao corpo e à sexualidade da mulher. Ou no caso das novelas, na maioria das vezes, essas mulheres tem papéis subalternos. Haja vista essa 'representação' levamos imagens como por exemplo da globeleza e nomes que são estabelecidos nas novelas ou nas séries de televisão como foi o caso da série 'Sexo e negas'. E desenvolvemos diálogos na sala que foram bastante produtivos pois os estudantes que estavam presentes expuseram suas opiniões sobre esse fato.

Para complementar a temática, trabalhamos com a música em espanhol *Dignificada* da cantora mexicana Lila Downs, dona de uma das vozes mais singulares do mundo e suas músicas são sempre inovadoras. É filha de índia e luta pela igualdade indígena e os direitos femininos. A música apresentada, tem como letra uma reflexão e crítica às condições das mulheres e a não participação ativa delas para solucionar e expor suas ideias e questionamentos. As composições de Lila, contem surpreendentes comentários e denuncia as condições sociais. Através de suas músicas Lila Downs, viajou pelo mundo, pois tem um ritmo musical altamente inovador. Depois os alunos cantaram e falaram um pouco sobre a música. Escolhemos essa canção, pois retrata a luta e sofrimento que as mulheres são submetidas quando estão em busca dos seus direitos.

Ao apresentar alguns panfletos em língua espanhola de campanhas contra a violência da mulher os alunos fizeram a leitura e expuseram suas opiniões. Depois assistimos um vídeo informativo argentino, também contra a violência da mulher, que apresentava dados e conscientiza a população sobre a importância de denunciar sem sofrerem abusos ou violência e ficarem caladas, bem como, procurarem socorro através das autoridades. Para reforçar um pouco mais e trazer algo da realidade dos estudantes sergipanos os entregamos no material impresso a Lei Maria da Penha 11.340/06 traduzida para língua espanhola. E os alunos fizeram a leitura e responderam às perguntas de interpretação de texto.

Vale destacar que estava no material o texto literário *¿En perseguirme, mundo, qué interesas?*, da escritora mexicana Sor Juana Inés de la Cruz, uma das escritoras mais jovens da

literatura hispanoamericana e que tinha um espírito inquieto com as ocorrências que passavam as mulheres da sua época, no poema lido pelos alunos a escritora faz uma crítica a sociedade por não aceitar as opiniões femininas e lutava pela independência de pensamento. Através desse texto literário podemos notar como as mulheres utilizavam os textos literários para expressar suas inquietações e que mesmo em épocas passadas elas sofriam e não eram valorizadas como tal. Os alunos demonstraram interesse no poema e fizeram uma reflexão sobre a ideia principal que a autora tenta passar através do texto literário. Vale destacar que uma aluna levantou um questionamento sobre a não aceitação das ideias ou pensamentos femininos por alguns homens que acham que as mulheres não devem opinar, fizeram a leitura do texto e responderam às perguntas de interpretação.

Outro fator importante foi a leitura do texto *“El feminismo negro”* selecionado para mostrar que as mulheres negras também tem a necessidade de lutar pelos seus direitos perante o meio social e esse texto trata muito bem sobre a criação de um grupo feminista negro e que luta pela igualdade de gênero e de etnia. Antes de iniciar a leitura realizada pelos alunos realizamos uma dinâmica para estimular a participação e tornar a oficina mais lúdica. Dessa forma, foi realizado um bingo com as palavras que estavam no texto e logo depois realizou-se a leitura, resposta das perguntas e troca de opiniões, que foram bastante produtivas para ativar a criticidade dos estudantes presentes. E uma das discussões relevantes foi feita uma pergunta sobre se era necessário haver um grupo feminista negro, ou apenas deixar que existisse o grupo feminista tradicional? Uma aluna, respondeu que acha desnecessário haver um outro grupo feminista, pois com a criação de um grupo feminista negro, as mulheres negras estavam sendo preconceituosas criando outro grupo e desvinculando das outras mulheres. Já outra ‘aluna 02’, pediu para expor seu ponto de vista e falou que: “é necessário sim, ter um grupo feminista negro, pois se as mulheres sofrem, as mulheres negras sofrem um pouco mais, e por motivos diferentes não apenas por desigualdade de gênero e violência.”

No segundo momento dia 4 de maio, iniciamos com uma revisão do que já havíamos visto na aula anterior e apresentamos algumas atitudes preconceituosas que artistas brasileiras passaram como por exemplo o caso da atriz brasileira negra e da rede globo Taís Araújo, a cantora também brasileira Ludmilla e um vídeo da garota do tempo do Jornal Nacional Maria Júlia Coutinho, que recentemente sofreu por preconceitos por conta da cor, assim como as demais famosas citas acima. Escolhemos trabalhar com essas três mulheres, por se tratarem de pessoas conhecidas pelos alunos. Diante disso, os alunos foram opinando e discutindo sobre a forma como essas mulheres foram alvejadas por preconceituosos nas redes sociais devido seus

traços, cabelos e cor da pele. E lemos os comentários publicados na foto da atriz em uma rede social que foram direcionados sobre o cabelo cacheado da atriz Taís Araújo, o qual foi comparado com palha de aço dentre outros comentários preconceituosos e racistas.

Para ajudar e contribuir com o desenvolvimento crítico dos alunos fizemos a leitura do texto *“El afro, reivindicación de la identidad negra”* que explica sobre a história e a importância de manter o cabelo Black Power e deixá-lo natural para haver a valorização de identidade. Antes da leitura do último texto *“El cabelo de Illari”*, escrito por Shirley Campbell-Barr, escritora afrodescendente que é da Costa Rica e que expressa através dos seus poemas o seu orgulho de ser negra e da sua nacionalidade, realizou-se um leilão com algumas palavras que estavam no texto. Nesse poema Shirley, escreveu para sua filha e ela descreve como penteava e como era bonito o cabelo da filha a qual deve orgulha-se pelo belo cabelo crespo que tem e passar para suas futuras filhas como fazer bonitas tranças. Esses dois textos foram escolhidos haja vista que, são relevantes afim de que ajude na valorização de identidade que é importante ser discutida e para fazer a ligação com as atitudes preconceituosas sofrida pelas famosas mencionadas acima. Além disso, foi importante mostrar as duas vertentes, a do preconceito e a valorização do orgulho de identidade, não apenas os pontos negativos mas sim que complementem a formação crítica dos alunos e eles percebam que não há apenas o ponto negativo. Além disso, também tentamos minimizar alguns conceitos sobre o cabelo crespo ou cacheado das mulheres que na maioria das vezes sofrem por o deixarem natural. De maneira igualitária aos demais textos também houve perguntas de interpretação textual e discussões sobre a questão de deixar o cabelo natural ou não.

Para finalizar as atividades da oficina, os alunos criaram um cartaz com uma mensagem ou um desenho que resumisse o que eles pensam sobre o tema estudado durante esses dois momentos. Essa atividade foi realizada em grupo e eles desenvolveram excelentes cartazes. Um grupo escreveu as seguintes mensagens: “Ser preto não é moda concorda? Mas só o visual continua caso raro. Ascensão social! Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho nos olhos haverá guerra! Somos contra o racismo.” E ao centro do cartaz, um rosto feminino de uma mulher de cabelos cacheados. Já o outro grupo fez da seguinte maneira: Ao centro um rosto de uma mulher com um cabelo Black Power e no cabelo escreveu a seguinte frase: “Cabelo ou cor de pele não muda o que a pessoa é. E ao lado outra frase: Diga não ao preconceito e não ao racismo.”

## 5 CONCLUSÃO

Considerando a análise dos dados, aliados às teorias que suportam este estudo, concluímos que os estudos sobre valorização, igualdade de gênero, raça/etnia, (re)construção de identidades, erotização, sexualidade e feminismo negro, podem e devem ser abordados nas salas de aulas, nesse caso em especial nas aulas de língua espanhola. Mas para isso, cabe ao professor elaborar ou complementar os recursos estabelecidos como didáticos e saber que a escola não é um ambiente monocultural, isso porque com a junção de várias pessoas a instituição torna-se heterogênea. Além disso, as aulas de LE proporcionam debates construtivos e contribuem para formação de cidadãos críticos e agentes do meio social em que vivem.

Diante do exposto, a realização da oficina foi de grande relevância tanto para a bolsista quanto para orientadora e as suas orientações foram benéficas para construção desse trabalho. Como também, contribuiu para o crescimento acadêmico e atuação profissional da bolsista, pois o projeto proporcionou o contato com a sala de aula antes mesmo das disciplinas de estágio. A elaboração e aplicação do material tem um grande significado, isso porque os resultados foram satisfatórios seja da aplicação ou da participação dos alunos, a análise comprova a importância de trabalhar com essas temáticas nas aulas de língua espanhola. Com relação aos alunos no início tiveram um pouco de timidez ou não tinham conhecimento sobre o assunto, porém houve uma grande interação e participação para realizar as leituras dos textos e participação expondo suas opiniões e questionamentos.

Os diálogos foram bastante construtivos e percebemos que realmente como apontam nos documentos que regem a educação brasileira: a escola tem o papel de formar cidadãos críticos, e constatamos essa função da escola através da abordagem desses temas e que é relevante possibilitar esses diálogos na sala de aula, para combater o preconceito e fazer com que os alunos respeitem a todos de maneira igualitária. Abordar esses temas nas aulas de língua espanhola é possível devido à interdisciplinaridade que há e é uma grande aliada dos professores de língua estrangeira para trabalhar com temáticas importantes e que têm relação com a realidade e o cotidiano dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aline da Silva. A Sala de Aula de Língua Estrangeira como Fórum de Discussão sobre as Identidades de Raça: Compartilhando uma Experiência Intervencionista. Ferreira, Aparecida de Jesus (Org.). Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas: Pontes, 2012.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Traçando caminhos: letramento, letramento crítico e ensino de espanhol. In: BRASIL, Ministério da Educação. Coleção Explorando o Ensino. V. 16. Espanhol: ensino médio. (Org.) BARROS, Cristiano Silva de e Costa, Elzimar Goettenauer de Marins. Brasília. Secretaria de Educação Básica. 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Lei Federal n 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília: MEC – Ministério da Educação. 2003.

BRASIL, Lei Federal n 11.654, de 10 de março de 2008. Brasília: MEC – Ministério da Educação. 2008.

BARROS, Cristiano Silva de e COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. Elaboração de materiais didáticos para o ensino de espanhol. In: BRASIL, Ministério da Educação. Coleção Explorando o Ensino. V. 16. Espanhol: ensino médio. (Org.) BARROS, Cristiano Silva de e Costa, Elzimar Goettenauer de Marins. Brasília. Secretaria de Educação Básica. 2010.

FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas: Pontes, 2012.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. A Linguística Aplicada no Brasil e as Pesquisas em Língua Espanhola. Revista Inventário. Ed 12, 2013.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. Formação intercultural de professores de espanhol e materiais didáticos. abehache: revista da Associação Brasileira de Hispanistas – v. 1, n. 1 (2011) - São Paulo: ABH, 2011.

MENDES, Edleise. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entre-culturas”. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. *Linguística aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes Editores, 2007.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano e Freitas, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 1, DE 28 DE FEVEREIRO DE 2013. Disponível em:  
< [http://www.cee.se.gov.br/arquivos/nomartiva\\_final.pdf](http://www.cee.se.gov.br/arquivos/nomartiva_final.pdf) > Data: 02/07/2016

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 73-102.

TELLES, J. “É pesquisa é? Ah, não quero, não, bem!” – Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem e Ensino*. Vol. 5, Nº 2, 2002. p. 91 - 116.